



PALEODEST Paleontologia em Destaque

e-ISSN 1807-2550 – Sociedade Brasileira de Paleontologia

PALEONTOLOGIA E MEMÓRIA: EXPOSIÇÕES DE PALEONTOLOGIA DO MUSEU NACIONAL/UFRJ PRÉ-INCÊNDIO

ROBERTA VERONESE DO AMARAL^{1*} 
LUCIANA BARBOSA DE CARVALHO² 
RODRIGO LIMA VELOSO³ 

^{1*} Laboratório de Sistemática e Biogeografia, IBRAG, UERJ, Rua São Francisco Xavier, 524, Maracanã, RJ – CEP 20550-013.

² Museu Nacional – UFRJ, Departamento de Geologia e Paleontologia, Quinta da Boa Vista, s/nº São Cristóvão, RJ - CEP 20940-040.

³ Museu Nacional – UFRJ, Departamento de Geologia e Paleontologia, Quinta da Boa Vista, s/nº São Cristóvão, RJ - CEP 20940-040.

roberta.veronese@gmail.com, lucbc@acd.ufrj.br, rodrigobiolima@gmail.com

v. 40, n. 83, p. 96-115, 2025. Doi: 10.4072/paleodest.2025.40.83.04

Submetido: 08 de agosto de 2025

Aceito: 06 de abril de 2026



Amaral et al., 2025. *Paleontologia em Destaque*, v. 40, n. 83, p. 110, Figura 5.

PALEONTOLOGIA E MEMÓRIA: EXPOSIÇÕES DE PALEONTOLOGIA DO MUSEU NACIONAL/UFRJ PRÉ-INCÊNDIO

ROBERTA VERONESE DO AMARAL^{1*} 

LUCIANA BARBOSA DE CARVALHO² 

RODRIGO LIMA VELOSO³ 

^{1*} Laboratório de Sistemática e Biogeografia, IBRAG, UERJ, Rua São Francisco Xavier, 524, Maracanã, RJ – CEP 20550-013.

² Museu Nacional – UFRJ, Departamento de Geologia e Paleontologia, Quinta da Boa Vista, s/nº São Cristóvão, RJ - CEP 20940-040.

³ Museu Nacional – UFRJ, Departamento de Geologia e Paleontologia, Quinta da Boa Vista, s/nº São Cristóvão, RJ - CEP 20940-040.

roberta.veronese@gmail.com, lucbc@acd.ufrj.br, rodrigobiolima@gmail.com

* Autor correspondente: roberta.veronese@gmail.com

RESUMO

Museus são instituições a serviço da sociedade e seu desenvolvimento, abertas ao público e que adquirem, conservam, investigam, difundem e expõem os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e bem-estar da sociedade. O Museu Nacional (MN) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), neste contexto, se apresenta como uma das instituições brasileiras mais relevantes “no que tange à guarda, em suas coleções, de objetos de diferentes períodos históricos destacando-se uma rica coleção paleontológica com fósseis nacionais e internacionais. O passado histórico desta instituição demonstra sua importância na divulgação e popularização da ciência e, especificamente, da paleontologia brasileira, ao grande público. Com o objetivo de resgatar o histórico das exposições de paleontologia desta instituição, foi levantada a documentação histórica, além de entrevistas com cientistas e funcionários do MN/UFRJ. Foi possível traçar importantes alterações na maneira de apresentar a ciência paleontológica ao grande público, através da modernização das exposições. Elementos mais modernos, cientificamente acurados e atraentes aos olhos dos visitantes, marcaram um novo patamar em exposições de paleontologia no Brasil. A aproximação da sociedade possibilita maiores investimentos e além de atrair futuros pesquisadores.

Palavras-chave: Exposições, Paleontologia, Museu Nacional/UFRJ, Brasil.

ABSTRACT

Paleontology, Education and Memory: Paleontological Exhibitions at the Museu Nacional/UFRJ (Pre-2018). Museums are institutions that serve society and its development, are open to the public, and are responsible for acquiring, conserving, researching, disseminating, and exhibiting materials and testimonies of their environment for the education and enjoyment of society. The Museu Nacional of the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ), in this context, stands out as one of the most important Brazilian institutions dedicated to safeguarding objects dating back to the 19th century, including a rich paleontological collection with both national and international fossils. The history of this institution highlights its significance in the dissemination and popularization of science, particularly Brazilian paleontology, to the general public. In order to recover the history of the paleontological exhibitions of this institution, historical documentation was gathered, and interviews were conducted with scientists and other museum staff. It was possible to identify significant changes in how paleontological science has been presented to the public, especially through the modernization of exhibitions. More contemporary elements—both scientifically accurate and visually appealing—marked a new stage in the display of paleontology in Brazil. The closer relationship between the museum and society enables greater investment in science and inspires future researchers.

Key words: Exhibitions, Paleontology, Museu Nacional/UFRJ, Brazil.

INTRODUÇÃO

Colecionar é um ato universal e o ser humano, ao longo do tempo, colecionou e acumulou com a intenção de ser eternizado. Esse ato tinha função de autoafirmação através da posse de bens, levando-o a um reconhecimento de seu meio e a uma melhor classificação do mundo a sua volta. A tradução deste impulso são os gabinetes de curiosidades, que despertam a curiosidade em seus visitantes e aguçam seu desejo de conhecer e se informar (Valente, 2003).

De acordo com o Comitê Internacional de Museus (ICOM, 2022), museus são “instituições permanentes, sem fins lucrativos e ao serviço da sociedade, que pesquisam, colecionam, conservam, interpretam e expõem o patrimônio material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Com a participação das comunidades, os museus funcionam e comunicam de forma ética e profissional, proporcionando experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento”.

Ao final do século XVIII, o espírito enciclopedista surge com a preocupação de um museu voltado para a educação, onde este deveria permitir que as coleções se tornassem abertas ao público para esta finalidade (Valente, 2003). Esse interesse pela cultura, ciências e organização do conhecimento existente levou a criação dos primeiros museus públicos. Filósofos e cientistas da época sugerem, então, à criação de museus voltados para as ciências (Gaspar, 1993). Somente a partir do século XX, a função dos museus junto à comunidade ganha relevância e suas coleções passam a ser caminho para a educação. Assim, o papel dos museus passa a ter caráter social com dimensões educativas (Martino, 2000). Essa transformação reforça a importância do museu como espaço educativo, no qual suas coleções passam a desempenhar papel fundamental na difusão do conhecimento, contribuindo para a formação cultural e científica da sociedade (Rangel, 2019).

Segundo Valente (2003), os museus caracterizam-se por ocupar um espaço físico, manter uma coleção e estar aberto ao público. A pesquisa atrelada às práticas museológicas, além de viabilizar financeiramente a montagem de exposições e programas educativos, contribui para a construção científica nacional. O autor ainda aponta que estas atividades se materializam nas coleções, que comunicam o visível ao invisível por meio da linguagem expositiva, com os objetos funcionando como intermediários entre mundos distintos. Exposições paleontológicas exemplificam este potencial ao reconstruir paleoambientes, representar seres vivos em seu contexto e apresentar a informação científica em quadros e vídeos. Assim, o museu promove a alfabetização científica de forma dinâmica e prazerosa, sempre contextualizada pelos objetos expostos no museu (Valente, 2003).

Neste contexto, o Museu Nacional da UFRJ destaca-se como uma das principais instituições do país na salvaguarda de objetos que remontam às origens da vida no planeta. Entre seus acervos, sobressai uma rica coleção paleontológica, composta por fósseis nacionais e internacionais (Fernandes *et al.*, 2007), amplamente utilizada na divulgação científica por meio de seus espaços expositivos. Edgard Roquette-Pinto (1884-1954) costumava ressaltar que museus deveriam ser em primeiro lugar um local de ensino ou “casa” de educação (Chagas, 2019).

O MUSEU NACIONAL

Historicamente o Museu Nacional começa a ser idealizado no Brasil a partir do momento em que o Vice-Rei Luiz de Vasconcelos (1740-1807), instruído pela Rainha D. Maria I (1734-1816), planejou construir um edifício com o intuito de abrigar a Casa de História Natural, em 1779. Por consequência da demora na construção, na atual Avenida Passos, foi improvisado um barracão ao lado para depósito de animais empalhados, em sua maioria aves, e por isso ganhou o apelido de “Casa dos Pássaros”, que funcionou por oito anos. Em vinte e dois de junho de 1813 o governo português, através de Conde Aguiar (D. Fernandes José Portugal e Castro [1752-1817]), extingue o museu e parte do acervo foi destinada ao Arsenal do Exército (hoje Museu Histórico Nacional) para servir de estudo aos alunos da Academia Real Militar (Kellner, 2008; Dantas, 2007; Ferreira, 2008).

Com a chegada de D. Leopoldina (1797-1826) em 1817, acompanhada de uma missão científica, é fundado no Paço Imperial um Gabinete de História Natural que influencia a criação do Museu Real em seis de julho de 1818, com sede no Campo de Sant’Anna. O museu recebeu coleções da antiga Casa de História Natural, além de armários e instrumentos que estavam no arsenal do Exército. Seu primeiro diretor nomeado foi frei José Batista da Costa Azevedo (1818-1823), franciscano e professor de botânica e zoologia da Academia Real Militar. Em onze de maio de 1819, duas salas térreas no prédio do Campo de Sant’Anna são abertas ao público uma vez por semana, com modelos de máquinas industriais (Museu Nacional/UFRJ, 2011). Por decreto em 19 de novembro de 1824 passa a se chamar Museu Imperial e Nacional (Dantas, 2007).

Em 1847, Frederico Leopoldo Cesar Burlamaque (1803-1866) assume como diretor do MN e da 3ª Seção (atual Departamento de Geologia e Paleontologia), o que torna as remessas de fósseis ao MN mais constantes, tendo o referido diretor pedido ao governo autorização de se corresponder de forma direta com o conselho administrativo e os presidentes das províncias do Império (Fernandes *et al.*, 2010; Veloso, 2021), incumbindo-os de remeter os produtos de interesse natural ao MN. Essa atitude deu uma maior liberdade ao diretor de se informar e manter contato direto com pesquisadores e políticos, responsáveis pelos envios. Burlamaque continuou na direção do Museu e da 3ª Seção até 1866, quando faleceu, mas a documentação histórica mostra que pelo menos 14 remessas de fósseis chegaram à instituição durante a sua direção como indica Veloso (2021).

A partir de 1856 a instituição é ampliada e, em 1858 novas alas passam a ser disponibilizadas ao público, criando a possibilidade de conhecer a nova coleção de animais marinhos, doada por João de Deus e Mattos (gestão de 1822-1823 e 1835-1837) (Fiocruz, 2011). Durante a direção de Ladislau de Souza Mello e Netto (1838-1894), diretor substituto

em 1870 e efetivado em 1876, o museu passa por uma reformulação e implementação de cursos públicos. O diretor também é responsável pela criação, em 1876, dos *Archivos do Museu Nacional*, primeira publicação científica específica sobre ciências naturais. Ladislau objetivava a divulgação das pesquisas do museu e assim aumentar o número de especialistas nas áreas de ciências naturais e antropológicas.

Por conta da Exposição Antropológica de 1882, organizada pelo diretor e tida como a mais importante exposição científica nacional do século XIX, foi possível a participação na Exposição de Paris, em 1889 (Dantas, 2007). Foi também durante a sua gestão que o Museu Nacional adquiriu o seu primeiro fóssil montado, um *Scelidotherium*, atualmente considerado uma sinonímia de *Valgipes bucklandi* (Cartelle, 2009) doado por Burmeister (1807-1892) em 1886 (Velo, 2021).

A República assume e o museu passa a se chamar Museu Nacional que se transfere para o Paço de São Cristóvão, através do decreto nº 1.160 de dois de dezembro de 1892. O transporte da antiga para a atual sede levou à perda de várias coleções. A partir de 1894 a visitação pública passa a ser franqueada e, quatro anos mais tarde, foi interrompida para rearranjo de coleções e somente em 1900 as novas instalações seriam abertas oficialmente. No entanto, a área aberta ao público estava restrita ao pátio central onde as peças eram dispostas em galerias tendo, ainda, o esqueleto da baleia jubarte montado na antiga capela da Imperatriz (Aranha Filho, 2010).

Entre 1910 e 1911 ocorre a primeira grande reforma geral do Paço de São Cristóvão e parque da Quinta da Boa Vista, sendo removido o Gabinete Astronômico de D. Pedro II (1825-1891) e construído o terceiro pavimento sobre as alas norte e sul, unindo a parte da frente do terceiro pavimento (já existente) e a parte dos fundos. Ainda resultaram desta reforma a remoção de antigas divisões internas, o que promoveu a abertura de grandes salas para instalação de exposições permanentes do museu. Também foram abertas novas galerias ao longo do pátio central e ao lado do primeiro pátio (Ferreira, 2008) e, ainda de acordo com o autor, neste momento, as salas de exposições foram designadas com o nome dos naturalistas e pesquisadores com os quais os trabalhos estivessem relacionados ao tema exposto. Os nomes eram pintados diretamente na parte alta da parede. No período da direção de Roquette-Pinto, de 1926 e 1935, ocorrem mais reformas internas em que as salas com pisos vazados, instaladas por João Batista de Lacerda (1846-1915), foram fechados, havendo, assim, adição de espaço para as exposições. Roquette-Pinto, ao criar, em 1927, a Seção de Assistência ao Ensino (SAE), pioneira no país e responsável pela sistematização das ações educativas no Museu Nacional (Rangel, 2019), marcou sua administração por um forte compromisso educacional, promovendo também a reforma de uma sala no pavimento térreo, transformando-a em auditório para exibição de filmes educativos (Ferreira, 2008). Em 1938 o Paço de São Cristóvão é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) nos Livros de História de Belas-Artes (Dantas, 2007). Em 1946 o Museu Nacional é incorporado pela Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), através do Decreto-Lei n. 8.689 de 16 de janeiro deste ano e em 1948 o IPHAN tomba o museu no Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico. Novas exposições permanentes são abertas a partir de 1956 em um circuito considerado funcional até 1990. Este é desativado em 1995 por conta de fortes chuvas que danificaram salas do museu (Ferreira, 2008).

O Museu Nacional da UFRJ, como um dos mais antigos e relevantes espaços de ciência e cultura do Brasil, desempenha um papel fundamental na educação não formal, promovendo o aprendizado em um ambiente que transcende as salas de aula tradicionais. Por meio de suas coleções, exposições e interações dinâmicas, o Museu estimula a construção coletiva de saberes, despertando a curiosidade e ampliando a visão de mundo de seus visitantes, conforme destacado por Gohn (2006a). Essa modalidade de educação, intencional, mas não sistematizada, permite o engajamento de cidadãos de várias faixas etárias em processos interativos que complementam a formação escolar, especialmente no ensino de ciências, onde a visualização de fenômenos e objetos históricos, como fósseis, enriquece a bagagem cognitiva (Vieira et al., 2005). Essa compreensão da educação não formal como um processo interativo e coletivo foi reafirmada décadas depois, com a consolidação do conceito de educação museal, que reconhece o museu como um espaço de compromisso social e de aproximação entre a instituição e seu público (Cabral, 2019).

Neste contexto, e considerando sua relevância na popularização da ciência, em especial no que diz respeito à Paleontologia Brasileira, objetiva-se, neste artigo, resgatar a história das exposições de paleontologia da instituição, até e incluindo o ano de 2018.

MATERIAL E MÉTODO

Para montar o histórico de exposições de Paleontologia do Museu Nacional da UFRJ (MN) foram usados documentos pesquisados junto à Seção de Memória e Arquivo – SEMEAR da instituição, antes do incêndio de 2018.

Durante esta busca foi constatada a existência de documentos que comprovam pedidos de material, cartas de solicitações de colaboração entre o MN e museus internacionais, além de notícias relacionadas à instituição. Apesar de não haver uma cronologia exata de exposições e reaberturas, foi possível associar alguns documentos aos eventos ligados às exposições. Esses documentos se encontravam arquivados em caixas e os números de referência variam. Também foram usadas bibliografias que contextualizam fases do Museu Nacional e as exposições como em Ponciano *et al.* (2008) e Aranha Filho (2010). Imagens de documentos do acervo do SEMEAR (caixa 1, dossiê 19), referentes a uma exposição de Paleontologia do Museu Nacional de meados do século XX, estão disponibilizadas no Material Suplementar.

Em entrevistas realizadas no âmbito da memória oral — entendida como registro e transmissão de saberes, relatos e experiências por meio de narrativas faladas — com o museólogo João Carlos Ferreira, que participou de algumas exposições de Paleontologia do MN, foi possível traçar uma ordem cronológica com os dados obtidos, além de acessar novas informações e fotografias. Foram também entrevistados os professores Sergio Alex Kugland de Azevedo, Alexander W. A. Kellner, Luciana Witovisk Gussella, Antônio Carlos Sequeira Fernandes e o paleoartista Maurílio Oliveira, responsáveis por diferentes exposições de Paleontologia da instituição.

RESULTADOS

Arquivos no SEMEAR

O documento mais antigo encontrado no SEMEAR relacionado às exposições de paleontologia (Pasta 6 – Fundo de Direção, Doc. 14, SEMEAR-MN) data de 07/06/1858, ainda durante a direção de Burlamaque, onde o diretor expressa a sua vontade de expor o material que havia coletado ao longo dos últimos anos. No documento, Burlamaque escreve para o Ministro do Império, pedindo para que mova o Conservatório de Música de dentro do edifício do Museu para outro lugar, com a finalidade de montar a primeira exposição com os numerosos materiais fósseis tanto de plantas quanto de animais.

Em continuidade, num segundo documento (Pasta 6 – Fundo de Direção, Doc. 15, SEMEAR-MN), datado de 28/06/1858, o Ministro autoriza o Museu a abrir aos domingos para a remoção do Conservatório do salão, com o objetivo de ocupar o mesmo com os fósseis.

Burlamaque demonstrou desde o início grande interesse em expor fósseis ao público, mas enfrentava limitações de espaço que o impediam de mostrar esses materiais. Nos últimos anos de sua gestão, dedicou-se a criar a primeira exposição de paleontologia do Museu Nacional, embora não tenhamos encontrado comprovação documental de que isso tenha ocorrido. O primeiro relato que confirmaria materiais paleontológicos em exposição seria feito por Ladislau de Mello Souza Netto (1838-1894).

“Houve entretanto em 1856 para o 4º diretor do Museu uma grande compensação a todos esses desprazeres que muito erão para desanimar qualquer espirito menos enérgico; e foi a conclusão da parte nova do edificio, istp[sic] é, de toda a sua ala esquerda actual, a partir do terceiro portão correspondente á segunda escadaria que dá ingresso para as salas superiores do estabelecimento. [...] Por esse tempo se havia igualmente empreendido a pintura da parte antiga do Museu, incluindo o tecto do salão de mineralogia, onde os principaes fenômenos e especimens mais importantes da geologia e da paleontologia se achão representados...” (Netto 1870, p. 111).

No SEMEAR, um dos arquivos relevantes sobre as exposições de Paleontologia corresponde ao documento de classificação nº 342, caixa 1, referência 751, intitulado “Buffalo, Buffalo, NY”, datado entre 1941 e 1978. Esse material refere-se ao *Buffalo Museum of Science* e documenta a colaboração institucional estabelecida a partir da visita de seu diretor, Carlos E. Cummings, ao Museu Nacional da UFRJ. Durante essa visita, o diretor elaborou um relatório técnico no qual propôs modificações nas exposições, com ênfase na adoção de estratégias museográficas voltadas à ampliação do público. A visita foi viabilizada por meio de financiamento e mediação da Fundação Rockefeller. Esse episódio ocorreu pouco antes do fechamento do Museu ao público, em 1941, para reformas e reorganização de suas exposições.

No mesmo arquivo foram encontradas cartas da diretora da época, Heloisa Alberto Torres, para o Doutor David H. Stevens da Fundação Rockefeller e para o Doutor Gustavo Capanema, ministro da Saúde e Educação. Ainda nesta classificação são encontrados *clippings* de jornais da época falando sobre a visita e as exposições do museu além de um guia de exposições: indicações da vitrine 97, com a cauda de um *Glyptodon* (para restauração) encontrado no sul do Ceará;

vitruve 89, contendo três “defesas” de mastodonte, encontradas nas localidades de Lagoa dos Elefantes (SE), “Baixinha”, localidade histórica situada nas proximidades do Porto de Natal (RN), e Pesqueira (PE); e ainda a vitruve 92, contendo um *Dinornis casuarinus* (Nova Zelândia).

Sobre essas exposições foi possível encontrar um dossiê na documentação do DGP (identificada como Dossiê 19) onde existe um roteiro das exposições de geologia do MN (Figura 1). Nesses roteiros é possível ver a preocupação existente em informar o espectador, de fornecer conhecimento através de diversas placas informativas e esquemas que complementavam o material exposto.

Com relação à visita do diretor do *Buffalo Museum of Science*, Carlos E. Cummings, era intenção da diretoria tornar o Museu Nacional mais didático e atraente para os visitantes. A Dra. Heloisa Alberto Torres solicita ao diretor do museu de Buffalo a avaliação do espaço e das exposições do Museu Nacional a partir do qual ele delimitaria diagnósticos e recomendaria sua remodelação (Aranha Filho, 2010). A visita gerou um relatório: “Report to the Rockefeller Foundation on the Museu Nacional do Rio de Janeiro, Brazil, by Dr. Carlos E. Cummings, Director Buffalo Museum of Science, Buffalo, New York.” Neste Cummings faz indicações do que necessitaria ser alterado nas exposições do museu, além de impressões individuais, como seu espanto ao perceber a reação de dois visitantes diante do Meteorito de Bendegó. O diretor considerava a peça uma curiosidade inútil e inapropriada e deveria ser removido por desperdiçar “a energia inicial do visitante” (Aranha Filho, 2010). O relatório de sua análise final foi enviado à Dra. Heloisa Alberto Torres meses depois, com a condenação de muitos objetos tradicionais das exposições do Museu Nacional. Recomendou a remoção da posição de destaque dos mesmos ou exclusão da exibição, por tratar-se de curiosidades consideradas inapropriadas por Cummings. Não há registros de que estas recomendações foram seguidas. De fato, Aranha Filho (2010) afirma que o relatório, encontrado pelo SEMEAR, não aparenta muito manuseio e sem qualquer anotação, indicando pouca leitura.

Outros arquivos, na mesma classificação 342, sem número de referência, mas datados entre 1970 e 1977, informam sobre a abertura de exposições do Museu Nacional da UFRJ. Fora de ordenação cronológica, há também documentos de vinte e nove de julho de 1955 que registram a reabertura da Exposição de Paleontologia nessa data, indicando funcionamento do museu no horário das 9h30 às 17h. Em sequência, um documento com número de referência 59, datado de quinze de maio de 1959, informa a recuperação e remodelagem de 36 salas contendo coleções paleontológicas. Os ofícios nº 313, 315 e 320 consistem em *clippings* e solicitações a jornais para divulgação da introdução de elementos artísticos nas exposições, destacando seu efeito didático e de popularização da ciência.

Sob as numerações 78-UM-452.802 e 56-UM-269.906, ainda na classificação 342, há registros, datados entre 1967 e 1970, sobre a exposição do peixe fóssil celacanto (*Latimeria*), programada para vinte e três de julho de 1970, às 20h30. Na mesma caixa, foi identificado o processo de aquisição de um modelo do peixe junto ao Museu Nacional de História Natural de Paris pelo Museu Nacional da UFRJ, bem como um pedido de colaboração ao Departamento Nacional de Produção Mineral (posteriormente substituído, em 2017, pela Agência Nacional de Mineração). Essa exposição estava associada ao I Simpósio Brasileiro de Paleontologia, durante o qual ocorreria sua inauguração, além das comemorações dos 150 anos do Museu Nacional.

Na classificação 342, caixa 2, há um ofício nº 173, datado de trinta de novembro de 1961, contendo informações sobre um esqueleto em molde de gesso de *Glossotherium robustum*. Na mesma caixa, mas referente a documentação de data anterior (1945), encontra-se uma cópia de solicitação enviada ao *American Museum of Natural History*, requisitando informações sobre maquetes e modelos de animais fósseis sul-americanos, incluindo *Megatherium*, *Myiodon*, *Glyptodon*, *Smilodon* e mastodontes. Essa documentação também menciona a proposta de montagem de uma série demonstrativa sobre a evolução dos cavalos — do *Eohippus* (Eoceno) ao *Equus* atual — com modelos anatômicos detalhados, destinada à exposição de Paleontologia e solicitada pela Divisão de Geologia e Mineralogia em vinte e dois de janeiro de 1945.

Por fim, ainda na mesma classificação (referência 131-70), há documentos datados entre dezoito e vinte e três de setembro de 1970 com informações adicionais sobre a exposição do *Latimeria* e de restos fósseis brasileiros de celacantídeos. Esses registros indicam apoio da Petrobras no financiamento de catálogo de fósseis-tipo e na produção de réplica em gesso do exemplar. A exposição seria complementada por espécimes fósseis brasileiros, cedidos por Rubens Silva Santos, vinculados ao DNPM/ANM. Nenhuma outra informação relevante sobre exposições de Paleontologia do Museu Nacional foi identificada nos arquivos do SEMEAR.

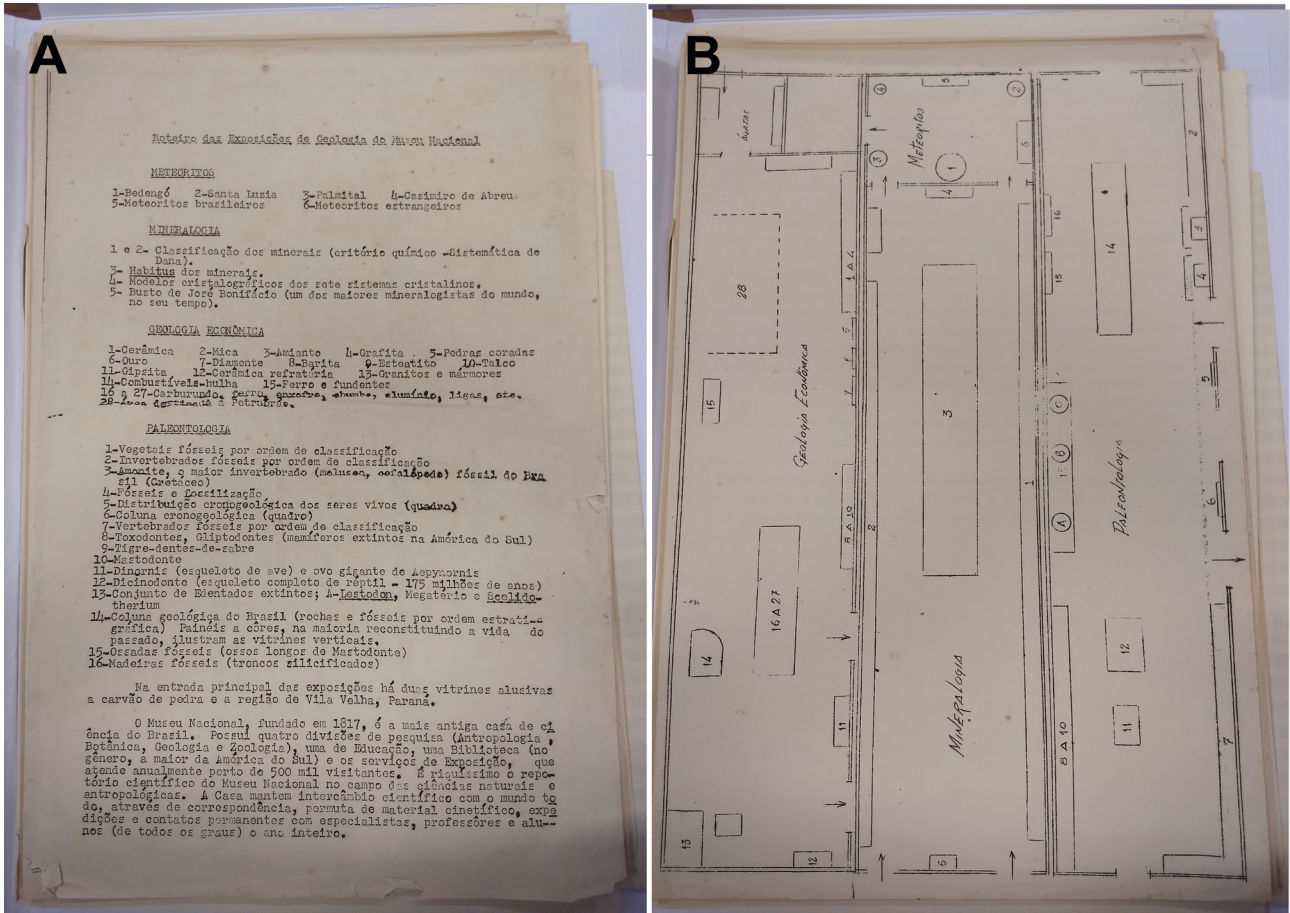


Figura 1. A, Roteiro datilografado das exposições de Geologia do Museu Nacional (MN), contendo instruções e organização temática do conteúdo expositivo; **B,** Planta esquemática da disposição espacial da exposição, com numeração correspondente ao roteiro apresentado em A. Acervo SEMEAR/Museu Nacional (UFRJ), s.d. Figure 1. A, Typewritten guide to the Geology exhibitions of the National Museum (MN), containing instructions and the thematic organization of the exhibition content; B, Schematic floor plan showing the spatial arrangement of the exhibition, with numbering corresponding to the guide presented in A. SEMEAR Collection, National Museum (UFRJ), n.d.

Histórico das exposições de Paleontologia do Museu Nacional da UFRJ

O registro da presença de fósseis nas exposições tem início em 1821 e está apresentado de forma sistematizada na Tabela 1. As informações foram reunidas a partir de diferentes fontes, incluindo documentos (posteriormente perdidos no incêndio de 2018), comunicações pessoais, dados de mídia e artigos que abordaram o tema (e.g., Dantas, 2022).

Tabela 1. Cronologia das exposições de Paleontologia do Museu Nacional da UFRJ. Fonte: Informações documentadas nos arquivos SEMEAR, comunicação pessoal, demais fontes em observações. **Table 1.** Chronology of Paleontology exhibitions at the National Museum/UFRJ. Source: Information documented in the SEMEAR archives, personal communications, and additional sources specified in the notes.

Ano	Acontecimento	Observações
1818	Fundação do Museu Real	Criado para “propagar o estudo das ciências naturais no Brasil, especialmente as produções dos três reinos da natureza (animal, vegetal e mineral)”; A Seção de Mineralogia, estabelecida na fundação, recebeu uma “importante coleção mineralógica” (Lacerda, 1905).
1821	Abertas visitas públicas ao Museu Real	Fósseis de mamíferos enviados por Frederick Sellow.
1824	Museu Imperial e Nacional	Mudança de denominação associada à elevação do Brasil a Império.
1858	Abertura ao público, coleção de animais marinhos	Saída do Conservatório de Música do salão para organizar a primeira exposição de paleontologia por conta da grande quantidade de fósseis vegetais e animais presentes na instituição.

Ano	Acontecimento	Observações
1876	Regulamento 130 de 1876, sobre seções do Museu Nacional	Diretor geral Ladislau Netto (1874/1893) valoriza a paleontologia com 3 seções: 1ª Seção – Antropologia, Zoologia Geral e Aplicada, Anatomia Comparada e Paleontologia Animal; 2ª Seção – Botânica Geral e Aplicada e Paleontologia Vegetal; 3ª Seção – Ciências Físicas: Mineralogia, Geologia e Paleontologia Geral (Dantas, 2022).
1886	Aquisição para exposição	Esqueleto fóssil da preguiça gigante <i>Scelidotherium</i> . Cedido pelo Museu de História Natural da Argentina (Frenkel, 2012).
1888	Surge uma quarta seção no Regulamento de 1888: 142.	Muda-se o foco nos estudos do Museu Nacional e são criadas especialidades, e a paleontologia fica apenas na 3ª Seção – Mineralogia, Geologia e Paleontologia. (Foco na valorização da Antropologia, Etnologia e Arqueologia, na 4ª Seção) (Dantas, 2022).
1892	Exílio do Imperador D. Pedro II	Diretor Ladislau Netto incorpora a coleção do Museu do Imperador e distribui em seções. Ouriço-do-mar fossilizado, provavelmente exposto no Museu do Imperador (Fernandes et al., 2008).
	Museu Nacional: transferência para Paço de São Cristóvão	Perda de itens das coleções no transporte.
1900	Abertura das Exposições Permanentes do Museu Nacional ao público, no Palácio de São Cristóvão com a presença do Presidente da República Campos Sales	Manutenção da Seção de Mineralogia, Geologia e Paleontologia. As exposições de paleontologia eram organizadas com armários gaveteiros com vitrines em cima e as coleções eram mantidas nestes mesmos espaços das exposições. As exposições paleontológicas ocuparam as salas designadas como salas Lund (com os fósseis estrangeiros) e Hartt (com os fósseis brasileiros) com esqueletos montados e armários e mostruários com o acervo (Fernandes & Scheffler, 2022).
1905	Aberta a exposição permanente de Paleontologia	Sala Lund (térreo): <i>Scelidotherium leptocephalus</i> , <i>Dinornis casuarinus</i> , um ictiossauro da Inglaterra, troncos e folhas do carbonífero, amostras de conchas e fósseis do Siluriano, Devoniano, Carbonífero, Triássico, Jurássico e Cretáceo. Sala Hartt (posteriormente sala egípcia): Expostos <i>Megatherium americanum</i> , em peças separadas, uma defesa de mastodonte do Sergipe, armários com conchas e plantas fósseis circundando a sala (Ponciano et al., 2008).
1914	Reabertura das Exposições do Museu Nacional ao público, remodeladas após obras com duração de quatro anos, quando houve ampliação das salas	Não existem informações específicas a respeito do material exposto. Assume-se que se manteve o mesmo. Conforme mapa apresentado em Leme (1924, anexo) as exposições do DGP estavam distribuídas pela Sala Lund, que estava situada no pavimento térreo, e pelas salas Hartt, José Bonifácio, Lyell, Eschwege e Derby, além da sala Distrito Federal, todas situadas no primeiro andar (ver Fernandes & Scheffler, 2022).
1926/ 1935	Reformas internas: espaço para exposições	Em 1930, o <i>Megatherium</i> já estaria montado na sala Lund, onde permaneceu até o incêndio, além da cauda de um <i>Glyptodon</i> do Ceará e dos fósseis anteriores. Posteriormente o <i>Megatherium</i> foi reestudado e reclassificado como <i>Eremotherium laurillardi</i> , sendo apresentado desta maneira na exposição atual (Aranha Filho, 2010).
1940	Exposição permanente: <i>Megatherium americanum</i>	Posicionado ao lado de um esqueleto de preguiça atual para mostrar a ideia de comparação.
1941	Obras: museu fechado ao público	Reabertura em 1946 (Jürgens, 2001)
1945	Série demonstrativa da evolução de cavalos do <i>American Museum of Natural History</i> para Exposição de Paleontologia.	Foram apresentados modelos das patas anteriores e posteriores, crânios e mandíbulas, dentes molares dos animais em vida do <i>Eohippus</i> , do Eoceno americano, ao <i>Equus</i> . Também solicitados modelos de <i>Megatherium</i> , <i>Myiodon</i> , <i>Glyptodon</i> , <i>Smilodon</i> e Mastodonte.

Ano	Acontecimento	Observações
1947	Reabertura da Exposição Permanente ao público	Esqueletos montados das preguiças e do <i>Smilodon</i> .
1956	Exposição permanente: reabertura oficial e inauguração de nova sala de Paleontologia. Ocorreu durante a Semana Nacional de Museus através de empreendimento lançado pela UNESCO.	Galerias das exposições passam a ocupar quase todo segundo piso. Circuitos expositivos organizados em contexto evolutivo. Mesas em L, com vitrines de fósseis e ilustrações de paleoambientes posicionadas acima e uso de dioramas. Exposição dos modelos solicitados em 1945.
1959	Exposição Permanente: Salas da Paleontologia recuperadas e remodeladas	Começa a introdução de elementos de arte em todas as exposições, inclusive paleontológica, para efeito didático e popular.
1970	Exposição temporária: <i>Latimeria</i>	Aniversário 150 anos Museu Nacional e I Simpósio Brasileiro de Paleontologia.
1991/ 1992	Exposição temporária de Selos Comemorativos temáticos: Dinossauros (06 de junho de 1991 a 20 abril 1992)	Selo 1 – <i>Titanosaurus</i> , dinossauro saurópode, animal de grande porte e herbívoro; Selo 2 – Dinossauro terópode, animal carnívoro e feroz, predador, que caçava inclusive os saurópode de maior tamanho (Macedo <i>et al.</i> , 1991) (Figura 2).
1994	Exposição: Dinossauros	Primeiras reconstituições de fósseis como escultura. Momento importante para a Palearte.
1995	Estrago das Chuvas: nova remodelagem de salas	Salas das exposições de Paleontologia remodeladas.
1998	Exposição Temporária: Ovos Fósseis	A mostra incluía réplicas e fósseis originais, oferecendo <i>insights</i> sobre a reprodução e desenvolvimento dos animais da era Mesozóica (Museu Nacional, 2008)
1999	Exposição Temporária: “No Tempo dos Dinossauros”	De julho a dezembro de 1999. Em parceria com o Museu de Ciências da Terra do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM). Recorde de público na época, mais de 100 peças paleontológicas expostas, seis fósseis montados. Ninhos com ovos de dinossauros, fósseis vegetais e atrativos para crianças. Foi uma das exposições temporárias mais visitadas (Kellner, 2005).
2000	Exposição temporária: “Tesouros do Museu Nacional” (setembro de 2000) contendo acervo paleontológico.	Tornou-se itinerante.
2001	Exposição temporária: “Paleopatologia: o estudo da doença no passado”	Em parceria com a Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz), Museu Nacional (2008).
2002	Exposição permanente, inauguração de peça: <i>Santanaraptor</i>	Pequeno dinossauro carnívoro procedente do Araripe.
2003	Exposição temporária: “Em Busca dos Dinossauros”	Apresentação da expedição dos pesquisadores do Museu Nacional da UFRJ “Em Busca dos Dinossauros”, no Nordeste do Brasil (Paraíba, Ceará e Maranhão). Elementos de ambientação com a apresentação de objetos usados na expedição, fotos, vídeos e réplicas de fósseis. Contou com a história evolutiva dos dinossauros na forma de dois cladogramas, um com membros de Saurischia, outro com membros de Ornithischia. A exposição estava posicionada no antigo Auditório Roquette-Pinto.
2003	Exposição temporária: Dinossauros na Filatelia	Ocorreu juntamente com a exposição “Em Busca dos Dinossauros”. Nesta exposição foram enfatizadas as formas mais comumente retratadas na filatelia, como o <i>Tiranossauro</i> , o <i>Archaeopteryx</i> e as espécies relacionadas a <i>Stegosaurus</i> , <i>Triceratops</i> e <i>Parasaurolophus</i> .

Ano	Acontecimento	Observações
2003	Exposição permanente, inauguração de peça: Painel da Preguiça	Posteriormente foi retirada, por ocasião da mudança do local da exposição do <i>Eremotherium</i> .
2004	Exposição permanente, inauguração de peça: <i>Unaysaurus tolentinoi</i>	Mais uma peça incluída na sala permanente da paleontologia. Um dinossauro Sauropodomorpha do Triássico encontrado em Água Negra-RS. Peça incluída na sala de Paleontologia (Leal et al., 2004).
2004	Exposição temporária: Mastodonte brasileiro	Foi uma mostra com vídeos sobre a expedição em cavernas submersas. Também mostrou a reconstituição de uma das cavernas onde os fósseis da espécie foram encontrados. A exposição fez parte das comemorações dos 187 anos do Museu Nacional/UFRJ. Também exibiu uma instalação onde o público acompanhava a reconstituição de um filhote de mastodonte brasileiro em tamanho real. Destaque: diorama reconstituindo o paleoambiente de dez mil anos atrás, com réplicas em menor escala, de uma manada de mastodontes.
2005	Exposição temporária: Paleoarte	Exposição de representações paleoartísticas.
2005	Exposição temporária: Uma descoberta na China	Exposição da réplica do fóssil encontrado na China e exibição de tela com paleoarte sobre o pterossauro <i>Nurhachius ignaciobritoi</i> .
2006	Exposição permanente, inauguração de peça: Um novo dinossauro no Brasil, <i>Maxakalisaurus topai</i>	Primeira montagem de um dinossauro brasileiro de grande porte. Coletado na Bacia Bauru, Prata/MG. Trata-se de um dinossauro herbívoro com aproximadamente 13 m de comprimento e 9 toneladas.
2007	Nova sala da Paleontologia	No segundo andar das exposições. Apresentava um painel sobre a origem da vida, os esqueletos de preguiça gigante e do <i>Smilodon populator</i> . Além do <i>Unaysaurus tolentinoi</i> , a reprodução de organismos marinhos do Devoniano e o esqueleto de um Dicinodonte (Frenkel, 2012).
2007	Exposição Permanente, inauguração de peça: <i>Futalognkosaurus dukei</i>	O “gigante dos gigantes” apelido dado ao dinossauro argentino foi resultado da colaboração entre Brasil e Argentina.
2008	Exposição permanente, inauguração de peça: <i>Guarinisuchus munizi</i>	“O guerreiro dos mares”, um crocódiliforme do Paleoceno.
2009	Exposição permanente: Dinossauros no Sertão (Figura 3)	Réplicas e fósseis originais provenientes da região do Araripe, no Ceará. Destaque para a montagem de <i>Angaturama limai</i> em cena de predação sobre <i>Anhanguera</i> sp. Exposição em dioramas: laguna da Formação Romualdo com os peixes <i>Calamopleurus cylindricus</i> , <i>Rhacolepis</i> , <i>Vinctifer</i> e <i>Cladocyclus</i> ; lagoa da Formação Crato com <i>Dastilbe</i> e <i>Cladocyclus</i> , além de crustáceos e vegetais. Incluía ainda pterossauros (dois em esqueleto e um em vida), fósseis vegetais como <i>Brachyphyllum obesum</i> e Ephedraceae, e artrópodes fósseis, apresentados com análogos atuais.
2009	Exposição permanente, inauguração de peça: Pterossauro da China, <i>Jeholopterus ningchengensis</i>	Fóssil e reprodução em vida de pterossauro encontrado em 2002 na China. Pequeno animal que media 90 cm de uma ponta a outra da asa (Matos, 2009).
2009	Exposição Temporária: <i>Dinos in Rio</i> , mostra de Paleoarte (Figura 4)	Concomitante à exposição ocorreram a II Exposição Internacional de Arte Paleontológica, Congresso Internacional de Arte Paleontológica e a Mostra Dinos Virtuais. Esta última foi a primeira mostra do gênero, em 3D, de toda a América Latina. Havia computador para acessar o site www.dinosvirtuais.museunacional.ufrj.br . Todas as atividades ocorreram no Salão da Baleia e na Sala do Elefante do Museu Nacional.

Ano	Acontecimento	Observações
2009	Exposição Temporária: Fósseis do Continente Gelado - O Museu Nacional na Antártica	Mostra de fósseis coletados na Antártica em excursão realizada entre 2006 e 2007 pela equipe do projeto Paleoantar. Foram exibidos fósseis do Cretáceo: um tronco fóssil de mais de 4 metros, conchas, dentes de tubarão e ossos de plesiossauro. A exposição também contou com a reconstrução em vida do plesiossauro e de um tubarão.
2010	Exposição Temporária: Stênio, Um Tiranossauro no Museu Nacional	Réplica do crânio de <i>Tyrannosaurus rex</i> , doado pela Associação Amigos do Museu Nacional (SAMN), com quase 1,4 metros, considerado o mais completo já encontrado. A exposição contou com a colaboração do ator Stenio Garcia, devido ao nome do exemplar ser Stan. Assim foi criado a mascote Stenio, voltado para o público infantil. A exibição possui também uma reconstituição em escala do <i>T. rex</i> em vida, ilustrações e outros animais do mesmo período.
2011	Reabertura da exposição permanente: <i>Maxakalisaurus topai</i>	A exibição passa a conter novo material fóssil para exibição, como <i>Oxalaia quilombensis</i> (vestígios do pré-maxilar e maxila), <i>Gondwanatitan faustoi</i> e o <i>Pepesuchus deiseae</i> .
2013	Mostra: Gigantes voadores	Mostra apresentada com réplica do maior réptil voador encontrado no Brasil, <i>Tropeognathus mesembrinus</i> .
2013	Exposição temporária: Revolução das Plantas	Primeira exposição exclusiva de Paleobotânica e Palinologia da instituição com cerca de 140 fósseis expostos. Pioneira em abordar a evolução das plantas no Brasil e importante ao abordar a acessibilidade no Museu Nacional/UFRJ. Apresenta um espaço sensorial e o jardim dos troncos, produzidos através de impressão tridimensional para suporte às pessoas cegas ou com baixa visão. Foi a primeira vez que se tem impressões 3D em exposição na instituição.
2015	Exposição Temporária: Arte com Dinossauros	A exposição propõe aos visitantes conhecerem a Arte Paleontológica (Paleoarte) e o mundo dos dinossauros. A exposição contou com oito esculturas em tamanho real e uma em escala de dinossauros, além de ilustrações e telas coloridas dos animais em seus ambientes. Contou também com o paleoartista presente na exposição interagindo com os visitantes. Na primeira semana a exposição contou com um público de mais de 20.000 visitantes.
2017	“No tempo em que o Brasil era mar”: o mundo há 400 milhões de anos, visto a partir dos fósseis das coleções do Museu Nacional	Parte das comemorações dos 199 anos do Museu Nacional. Invertebrados do Devoniano, coletados no Brasil. Alguns exemplares faziam parte de acervos históricos: Comissão Geológica do Império e Coleção Caster (material repatriado). Contou também com a reconstituição ampliada de uma trilobita. (Museu Nacional, 2019)
2017	Sala do <i>Maxakalisaurus topai</i> fechada	Base da peça prejudicada pela ação de cupins (Veja, 2018). Exposição com foco em fósseis de invertebrados do período Devoniano.
2018	Reabertura da sala de Paleontologia, da exposição permanente com o retorno da peça: <i>Maxakalisaurus topai</i>	Um financiamento coletivo ajudou nos custos do reparo da base do <i>Maxakalisaurus</i> . A sala contou ainda com pterossauros brasileiros, réplica do crânio do crocodilo <i>Sphagesaurus huenei</i> , fósseis do crânio e casco da tartaruga <i>Bauruemys elegans</i> e icnofósseis, ovos e pegadas (Kunzler, 2018; Magalhães, 2018)
2018	Incêndio do Museu Nacional	Todo o andar expositivo do Museu Nacional é atingido pelo incêndio, provocando o seu desabamento. Poucos exemplares paleontológicos que estavam na exposição foram resgatados e estes apresentam vários danos devido ao calor, à queda do segundo andar e ao impacto do desabamento do terceiro andar e telhado (Comunicação pessoal).

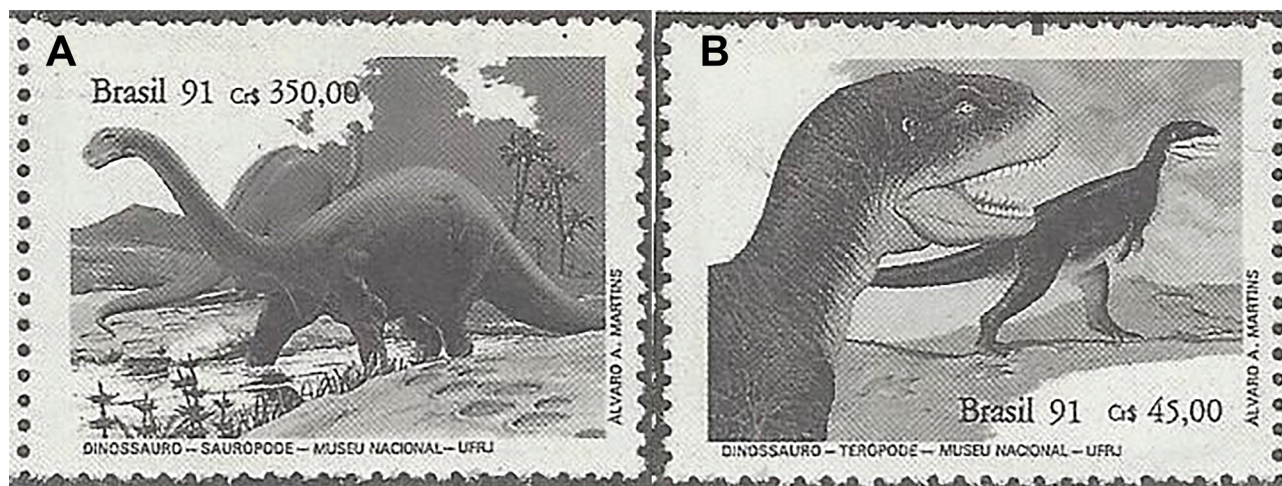


Figura 2. A, Selo 1 – *Titanosaurus*, dinossauro saurópode, animal de grande porte e herbívoro; B, Selo 2 – Dinossauro terópode, animal carnívoro e feroz, predador, que caçava inclusive os saurópode de maior tamanho (Macedo et al, 1991).

Figure 2. A, Stamp 1 – *Titanosaurus*, a large-bodied herbivorous sauropod dinosaur; B, Stamp 2 – a theropod dinosaur, a fierce carnivorous predator that hunted even the largest sauropods (Macedo et al, 1991).

Discussão

No princípio, as coleções do Museu Nacional eram organizadas em seções distintas, como zoologia, botânica, mineralogia e etnografia, com fósseis distribuídos entre as seções de zoologia, abrigando fósseis de animais, e mineralogia, que incluía fósseis minerais ou moldes (Lacerda, 1905). Em 1842, a seção de zoologia foi reorganizada, passando a englobar também materiais paleontológicos, como ossos fósseis, comuns em coleções zoológicas da época (Lacerda, 1905).

Sob a direção de Ladislau Netto entre 1874 e 1893, a paleontologia passa a ser mais valorizada, sendo distribuída em três seções, com a distinção entre paleontologia animal, vegetal e geral. Em 1888, ocorre uma nova reorganização institucional do museu, na qual as coleções passam a ser estruturadas em quatro seções principais: 1ª Seção – Zoologia; 2ª Seção – Botânica; 3ª Seção – Mineralogia, Geologia e Paleontologia; e 4ª Seção – Antropologia, Etnologia e Arqueologia. Nesse novo arranjo, a paleontologia é concentrada na 3ª Seção, enquanto a 4ª Seção passa a enfatizar os estudos humanos (Dantas, 2022). Dessa forma, as exposições de paleontologia passam a ser organizadas dentro desse escopo, sendo destacadas sobretudo em momentos de maior relevância institucional.

A ação de expor vai além do simples ato de tornar público um objeto. Implica em um modo de recepção por parte de quem aprecia, através do objeto exposto, na qual a própria exposição evidencia qual deve ser o “olhar”. Em suma, a exposição é a tradução de uma linguagem científica. Deste modo, toda exposição produz efeitos estéticos significativos resultantes de uma produção técnica (Cazelli et al., 2003). Essa preocupação torna-se perceptível a partir da década de 1950, quando as exposições introduzem elementos artísticos.

Ao longo do século XX, observa-se, a partir dos arquivos do SEMEAR, que entre as décadas de 1970 e 1990 houve poucas alterações na estrutura das exposições de Paleontologia do Museu Nacional da UFRJ. Essas exposições permaneceram na mesma sala da mostra permanente da época, mantendo a configuração em “L” e vitrines dispostas ao alcance do campo de visão dos visitantes (Figura 5).

Em 1995, as chuvas de agosto provocaram a deterioração das vitrines da exposição permanente, marcando o início de uma nova fase em sua organização. Ainda assim, as transformações ocorridas ao longo do tempo não implicaram a perda de seu caráter educativo, já evidente desde meados do século XX, quando o Seminário Regional da Unesco, em 1958, destacou as exposições do museu como referência na difusão científica (Chagas, 2019).

A partir desse período, observam-se modernizações progressivas na estrutura expositiva, com a incorporação de recursos contemporâneos, como elementos de paleoarte, mídias digitais e, mais recentemente, exposições virtuais, ampliando significativamente as possibilidades de divulgação científica.



O REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
E O DIRETOR DO MUSEU NACIONAL
CONVIDAM PARA A ABERTURA DA EXPOSIÇÃO

DINOSSAUROS NO SERTÃO

14 DE MAIO DE 2009, QUINTA-FEIRA, ÀS 17 HORAS
NO HALL DO MUSEU NACIONAL

MUSEU NACIONAL - UFRJ
QUINTA DA BOA VISTA
BAIRRO IMPERIAL DE SÃO CRISTÓVÃO
RIO DE JANEIRO
TEL: + 55 (21) 2562-6042

www.museunacional.ufrj.br



APOIO



Figura 3. Folder da exposição "Dinossauros no Sertão".
Figure 3. Brochure of the exhibition "Dinossauros no Sertão".



Figura 4. Folder da 2ª exposição internacional de arte Paleontológica "Dinos in Rio".
Figure 4. Brochure of the 2nd International Paleart Exhibition "Dinos in Rio".



Figura 5. Exposição Permanente nos anos 80/90. Presença dos elementos artísticos nas vitrines, vitrines em L. Imagem superior cedida pelo SEMU; imagem inferior cedida por João Carlos Ferreira (antigo funcionário da Museologia).

Figure 5. Permanent Exhibition during the 1980s and 1990s. Presence of artistic elements within the display cases and L-shaped showcases. Image upper courtesy of SEMU; Image lower courtesy of João Carlos Ferreira (former member of the Museology staff).

A evolução do direcionamento científico das exposições acontece de maneira mais expressiva quando elementos mais elaborados são introduzidos. Neste momento passa-se a usar nas exposições do MN uma representatividade maior da Palearte, fazendo uso não só de representações gráficas, mas também de esculturas para a reconstrução em vida de organismos fósseis. Deste modo, já na década de 1990, ocorre a modernização das exposições que utilizam pela primeira vez o rigor científico em elementos esculturais para reconstituir fósseis e paleoambientes em três dimensões, ação que pontua o interesse do museu com a difusão científica (Ponciano *et al.*, 2008).

Um grande marco para as exposições de Paleontologia do Museu Nacional aconteceu em 1999. O Museu Nacional em conjunto com o Museu de Ciências da Terra (DNPM) organizou a exposição “No Tempo dos Dinossauros” (Kellner, 2005). A mostra foi uma referência ao fazer com que a paleontologia brasileira reacendesse o apelo popular. De acordo com Kellner (2005) esse tipo de integração com a sociedade foi um importante passo no que tange ao desenvolvimento do potencial da instituição como instrumento de divulgação científica. A integração de elementos de Palearte dentro do contexto científico e de maneira atrativa, com reconstituições em vida dos dinossauros, mais realistas, foi de grande importância para prender a atenção do público. O sucesso da exposição foi tão grande que o museu precisou realizar um controle de visitação no primeiro fim de semana.

Em 2003 a exposição “Em busca dos dinossauros” traz, pela primeira vez, elementos que expõem o trabalho do paleontólogo para o grande público. Ela mostrou a expedição pelo Nordeste brasileiro realizada em 2001 por paleontólogos do Museu Nacional. Foi outro marco importante, atraindo um grande público, mais de 100 mil pessoas, e atraiu atenção da grande mídia (Manzig, 2015). O interesse da mídia pelas atividades de pesquisa no país, é um fator favorável e acabou por aumentar o investimento para esse ramo da ciência. É a percepção da importância da pesquisa científica, tanto por parte do público como da mídia, que permite aumentar o investimento na área e possibilitar a formação de futuros pesquisadores (Kellner, 2005; 2008; 2015). Esta exposição foi considerada um marco no desenvolvimento da paleontologia brasileira.

Outro marco interessante a se pontuar na história das exposições de Paleontologia do Museu Nacional, foi a exposição temporária “Revolução das Plantas”, inaugurada em 2013 em uma das salas expositivas temporárias do MN. Segundo Witovisk (comunicação pessoal, 2016), a exposição é pioneira ao abordar a evolução das plantas no Brasil e foi também a primeira a adaptar o mobiliário para circulação de cadeirantes no Museu Nacional/UFRJ. Além disso, a exposição contou com recursos de acessibilidade voltados às pessoas cegas e com baixa visão, incluindo um canto sensorial e um jardim de troncos, ambos concebidos como espaços expositivos específicos para interação tátil, bem como a disponibilização de catálogo em braile (Chalhub *et al.*, 2015).

As estrelas das exposições de paleontologia costumam ser os animais vertebrados e, de modo geral, os invertebrados costumam figurar como complemento aos ambientes representados. Isso pode ser visto nas exposições “No Tempo dos Dinossauros” de 1999 e “Dinossauros do Sertão” de 2009, que apresentavam alguns fósseis de insetos (*e.g.* libélula fossilizada). Porém, em 2017, eles foram a estrela de uma exibição própria. A exposição “No tempo em que o Brasil era mar: o mundo há 400 milhões de anos”, construída a partir de fósseis das coleções do Museu Nacional, marcou o maior processo de repatriação de fósseis do Brasil, envolvendo 1.000 kg de material (O Globo, 2016; Scheffler *et al.*, 2021; comunicação pessoal Sandro M. Scheffler, 2026). Em 1940 o geólogo Kenneth E. Caster coletou fósseis de invertebrados em vários estados brasileiros e levou para Cincinnati (EUA) com autorização do governo brasileiro. Após a morte do geólogo a Universidade de Cincinnati permitiu a repatriação da coleção de volta ao Museu Nacional, através de um processo de negociação que levou três anos e teve o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio (Faperj).

Outro momento importante das exposições foi a campanha de financiamento coletivo para restaurar o *Maxakalisaurus topai* (Fig. 3). A sala onde a peça permanecia em exposição, e chegou a ser vista por cerca de um milhão de pessoas, necessitou ser fechada por conta da base da peça que sofreu ataques de cupins. Deste modo foi lançada uma campanha de financiamento coletivo para restaurar aquele que fora o maior esqueleto de dinossauro da instituição (Veja, 2018). A sala de exibição foi reinaugurada ainda em 2018, acompanhado pelas réplicas do esqueleto do dinossauro espinosaurídeo *Angaturama limai*, do pterossauro *Tropeognathus mesembrinus*, entre outros itens (Índio do Brasil, 2018).

As exposições de paleontologia do Museu Nacional da UFRJ, ao longo de sua história, evoluíram de mostras modestas e conservadoras, com fósseis distribuídos entre as seções de zoologia e mineralogia (Lacerda, 1905), para mostras que integravam paleoarte e tecnologia (*e.g.* Um Tiranossauro no Museu Nacional, Figura 6). Apesar das perdas significativas pelo incêndio de 2018, o Museu Nacional/UFRJ representa ainda um espaço vital para a pesquisa e divulgação da paleontologia brasileira. Essas exposições, com modelos didáticos e interativos, constituem um legado

científico que aproximam o público ao passado da Terra, sendo primariamente uma importante instituição de educação científica, através da educação não formal, que transforma a experiência museológica em uma ferramenta de aprendizado e construção de saberes (Vieira *et al.*, 2005).

Exposições, paleontologia, ensino de ciências e educação não formal

A educação não formal ocorre em ambientes marcados pela coletividade e pela interação, sendo orientada por práticas que favorecem a construção de aprendizagens. Nesse contexto, caracteriza-se por ocorrer fora da estrutura escolar, em espaços não convencionais como museus e zoológicos, de forma intencional, sem organização por séries, idade ou conteúdos predefinidos, e baseada na troca direta de saberes. Dessa forma, volta-se, sobretudo, para processos de produção de saberes coletivos (Gohn, 2006a).



Figura 6. Folder da exposição “Um Tiranossauro no Museu Nacional”.
Figure 6. Brochure of the exhibition “Um Tiranossauro no Museu Nacional”.

Sua finalidade é ampliar a visão de mundo dos indivíduos, de modo que, embora existam objetivos prévios, o conhecimento se constrói ao longo das interações que se estabelecem nesse processo (Gohn, 2006b). Essa perspectiva já se fazia presente no Museu Nacional da UFRJ desde a década de 1920, com a implantação da primeira seção educativa institucionalizada do país por Edgard Roquette-Pinto, sendo posteriormente reforçada em 1958, durante o Seminário Regional da Unesco sobre a Função Educativa dos Museus, quando participantes visitaram as seções de ciências naturais e paleontologia do museu e destacaram a qualidade de suas exposições (Rangel, 2019; Chagas, 2019). Essa visão permanece no debate contemporâneo, que reconhece a educação museal como parte central do trabalho museológico, ajustando-se às especificidades de cada instituição e às diferentes demandas da sociedade (Rabello de Castro, 2019).

A educação não formal não é sistematizada e atua sobre aspectos subjetivos como as impressões que cada pessoa leva consigo a respeito do vivenciado, desenvolve laços e auxilia a construção da identidade coletiva do grupo, tendo fundamento na identificação de interesses comuns, levando os indivíduos a adquirirem conhecimento de sua própria prática e a ler e interpretar o mundo a sua volta. Espaços fora do ambiente escolar, ou seja, locais de educação não formal, são recursos pedagógicos que tornam possível a complementação das deficiências materiais das escolas (Gohn, 2006b).

Sendo ferramentas educacionais com objetivo de tornar o ensino mais prazeroso, aumentam o interesse dos alunos. No ensino de ciências temos essa situação mais caracterizada, pois a disciplina é muito mais que apenas ensinar termos científicos. Existe a necessidade de criar situações de aprendizagem que tornem possível a formação de uma bagagem cognitiva aos estudantes (Vieira et al., 2005).

Museus, como espaços onde ocorre este tipo de aprendizado, guiam intencionalmente seu público a atingir determinados objetivos que se enquadram no conteúdo da educação formal e são importantes contribuições ao enriquecimento cultural científico dos indivíduos (Valente, 2005). O próprio Museu necessita de seu público para a construção de uma relação diferenciada com este, que, neste momento, passa a frequentá-lo com objetivos específicos dentro de seu ponto de vista. Assim a instituição se forma a partir das diferentes perspectivas de maneira que os objetos não estão lá apenas para serem visualizados, mas interpretados dentro do contexto individual dos visitantes (Gouvêa et al., 2003).

O desenvolvimento científico e tecnológico, a modernização da sociedade e a redefinição do espaço social operado pela globalização impõem novas exigências educacionais (Cazelli et al., 2003). A ciência, como disciplina, estuda fenômenos naturais e abrange um vasto corpo de conhecimento, demandando constantes avanços científicos e tecnológicos, bem como novas descobertas, para que possa cumprir seu papel na formação dos estudantes. Neste âmbito, a paleontologia, apesar de ser o estudo da vida no passado, é uma ciência que está sempre se renovando. O conhecimento adquirido das suas informações permite o conhecimento do passado com a tecnologia do presente, tornando-se importante ao retratar o desenvolvimento do planeta e dos seres vivos (Vieira et al., 2005).

Porém a Paleontologia é pouco explorada, vindo a ser abordada superficialmente no conteúdo do sétimo ano relacionado a seres vivos e como evidência no conteúdo de evolução, no Ensino Médio. O espaço das exposições de paleontologia permite a visualização de todos os aspectos que a envolve, de maneira didática e lúdica através do uso de modelos. O uso desses recursos é comum em exposições e, na paleontologia, ocorre de forma natural por integrar o ambiente de pesquisa do paleontólogo. As montagens anatômicas satisfazem as expressões de arte contemporânea que aproximam o indivíduo de um objeto que não é tangível, levando o pesquisador e o visitante ao ambiente passado (Van Praët, 2003).

O uso de modelos e esculturas se desenvolveu em paralelo às exposições e a noção de real e substituto acaba por se encontrar. Assim, Van Praët (2003) aponta que existe uma necessidade de maior posicionamento frente aos visitantes do uso científico das peças e modelos. Hoje podemos notar os avanços neste sentido através das exposições do Museu Nacional da UFRJ, quando, por exemplo, na última exposição temporária, “Um Tiranossauro no Museu Nacional”, foram usados elementos de Paleoarte e informações sobre as últimas descobertas e tecnologias científicas relacionadas ao animal (Figura 6).

Existe, nessas exposições, uma situação interativa construída de maneira coletiva, sem necessariamente ter como objetivo explícito a troca de saberes, mas que acontece de maneira dinâmica e natural. Aspectos da educação não formal presentes nas exposições são importantes para confrontar as tendências tradicionais e tecnicistas que se refletem em aulas expositivas, nas quais o foco recai sobre a memorização. De acordo com Marandino (2001), as exposições são elementos básicos para promoção da educação através dos conhecimentos existentes em suas coleções e pesquisas recorrentes nos museus. A autora citada acima afirma que as pesquisas realizadas nos museus, apesar de se concentrarem na educação, não focam na produção de exposições, mesmo estas sendo um importante campo em expansão. O discurso expositivo e a pesquisa devem seguir a mesma orientação educacional onde as estratégias presentes na comunicação ao público devem ser pensadas, em especial as que possuem a biologia como tema principal (Marandino, 2001). Essa

perspectiva dialoga com a museologia social contemporânea, que compreende o museu — independentemente de sua tipologia — como uma ferramenta de encontro, responsabilidade social e transformação (Chagas, 2019; Cabral, 2019).

Cazelli *et al.* (2003) apontam a necessidade de uma linha de pesquisa na área de educação onde exista o resgate da dimensão social da educação em ciências, em uma abordagem seguindo Paulo Freire. Um diálogo entre educadores (mesmo que sejam mediadores em Museus) e educandos sobre os conteúdos científicos expostos, possibilita uma nova leitura de mundo entre eles, contribuindo, de certa forma, para a alteração de sua realidade social.

Em 2 de setembro de 2018, em meio aos preparativos da comemoração de seu bicentenário, ocorreu o incêndio do Museu Nacional que acarretou na perda de vários acervos, incluindo peças valiosas como o crânio de Luzia, e impactou severamente as coleções paleontológicas (Duarte, 2022). Contudo, graças aos esforços de resgate e união de todos os seus membros, foi recuperada uma quantidade significativa de material além de iniciativas de digitalização e acesso a bancos de dados abertos, que têm apoiado a preservação e recomposição do acervo (Duarte, 2022).

CONCLUSÃO

Desde sua inauguração até os dias atuais as exposições de Paleontologia no Museu Nacional sempre tiveram destaque pelo interesse provocado nos seus visitantes. A modernização das exposições veio a aprofundar o caráter educativo. A introdução de ferramentas expositivas contemporâneas como elementos de Paleoarte e mídias digitais trouxe às exposições de Paleontologia a cientificidade aliada à estética.

Ao longo de sua trajetória, as exposições de Paleontologia do Museu Nacional passaram por transformações significativas, tanto em sua organização quanto em sua linguagem expositiva, acompanhando mudanças institucionais e avanços na comunicação científica. A incorporação de recursos como paleoarte, dioramas e mídias digitais ampliou o potencial educativo e a interação com o público. Nesse processo, observa-se também uma tendência de maior destaque para exposições centradas em vertebrados fósseis, especialmente dinossauros, em função de seu maior apelo comunicativo, enquanto outros grupos, como paleobotânica e paleoinvertebrados, aparecem de forma mais pontual.

Assim, as exposições de Paleontologia do Museu Nacional representaram um avanço significativo na popularização da ciência junto ao público. Mesmo após a tragédia de 2018, a relevância da instituição no campo científico e educativo se mantém por meio da atuação de seus cientistas, técnicos e alunos, bem como pela continuidade de suas ações expositivas em espaços alternativos e em atividades educativas, como o evento “Aniversário do Museu”, além daquelas que ainda ocorrem no próprio Museu Nacional.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Museólogo João Carlos Ferreira pelas informações cedidas e imagens de antigas exposições de Paleontologia do Museu Nacional. Aos Doutores Sérgio Alex Kugland de Azevedo, Alexander W. Kellner, Luciana Witovisk e Antônio Carlos Sequeira Fernandes, pelas entrevistas e informações que não estavam documentadas. Ao Paleoartista Maurílio Oliveira pelas informações e fotos cedidas. Aos funcionários do SEMEAR que cederam acesso às caixas de arquivos antigos. Aos funcionários do SEMU que cederam informações e fotos. Aos funcionários do SAE por disponibilizarem arquivos e bibliografias para recuperar informações a respeito das exposições.

REFERÊNCIAS

- Aranha Filho, J. 2010. *Guia da Impermanência das exposições: uma investigação sobre a grande reforma do Museu Nacional do Rio dos anos 1940*. Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, PhD thesis, 202 p.
- Cabral, M. 2019. Desafios da educação museal/PnM/PNEM. In: M.S. Chagas; M.V.M. Rodrigues (eds.). *A função educacional dos museus: 60 anos do Seminário Regional da Unesco*. Rio de Janeiro: Museu da República, p. 109-116.
- Cartelle, C.; Iuliis, G. & Ferreira, R.L. 2009. Systematic Revision of Tropical Brazilian Scelidotheriine Sloths (Xenarthra, Mylodontoidea). *Journal of Vertebrate Paleontology*, **29**: 555-566.
- Cazelli, S.; Marandino, M. & Studart, D.C. 2003. Educação e comunicação em museus de ciência: aspectos históricos, pesquisa e prática. In: G. Gouvêa; M. Marandino & M.C. Leal (eds.). *Educação e Museu: a construção social do caráter educativo dos museus de ciências*. Acesso, p. 83-106.
- Cazelli, S.; Queiroz, G.; Alvez, F.; Falcão, D.; Valente, M.E.; Gouvêa, G. & Colinvaux, D. 1999. Tendências Pedagógicas das Exposições de um Museu de Ciência. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS. Atas. Valinhos, p. 1-14.
- Chagas, M. 2019. O Seminário Regional da Unesco sobre a Função Educativa dos Museus (1958): sessenta anos depois. In: M. Chagas & M.V. Macri (eds.). *A função educacional dos museus: 60 anos do Seminário Regional da Unesco*. Rio de Janeiro: Museu da República, p. 10-33.

- Chalhub, T.; Benchimol, A. & Rocha, L.M. 2015. Acessibilidade e inclusão: a informação em museus para os surdos. In: XVI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMÁTICA.
- Dantas, R.M.M.C. 2007. *A Casa do Imperador. Do Paço de São Cristóvão ao Museu Nacional*. Programa de Pós-graduação em Memória Social. Rio de Janeiro, M.Sc. thesis, 276 p.
- Dantas, R.M.M.C. 2022. *Museu Nacional: 200 anos de história*. Instituto Brasileiro de Museus-Ibram, 64 p.
- Duarte, L.F.D. 2022. Um novo centenário para o Brasil e seu Museu Nacional. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, 30:d1e24.
- Fernandes A.C.S.; Ewbank C.O.; Silva M.J. & Henriques D.D.R. 2010. Uma lembrança de infância: os “fósseis colossais” e o papel de Frederico Leopoldo César Burlamaque como paleontólogo brasileiro. *Filosofia e História da Biologia*, 5:239-259.
- Fernandes, A.C.S.; da Fonseca, V.M.M.; Dantas, R.M.M.C. & Forti, A.S.D.A. 2008. D. Pedro II, os fósseis da Bacia de Paris e o Museu Nacional. *Filosofia e História da Biologia*, 3:55-69.
- Fernandes, A.C.S.; Fonseca, V.M.M. & Henriques, D.D.R. 2007. Histórico da Paleontologia no Museu Nacional. *Anuário do Instituto de Geociências - UFRJ*, 30:194-196.
- Ferreira, J.C. 2008. O Palácio de São Cristóvão e a Quinta da Boa Vista: História e Preservação. In: Correia, M. R. (eds). *Oficina de Estudos e Preservação*, Coletânea I. Iphan-Rio.
- FIOCRUZ. 2011. Museu Real. Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Available at <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/P/verbetes/musnac.htm>.
- Frenkel, E.E. 2012. *Famílias no Museu Nacional*. MAST, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, M.Sc. thesis, 179 p.
- Gaspar, A. 1993. *Museus e Centros de Ciências - Conceituação e Proposta de um referencial teórico*. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, PhD thesis.
- Gohn, M.G. 2006a. Educação não formal na pedagogia social. In: I CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL. *Anais do I congresso Internacional de Pedagogia Social, Marco*. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.
- Gohn, M.G. 2006b. Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. *Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação* 14:27-38.
- Gouvêa, G.; Marandino, M. & Leal, M. C. 2003. *Educação e Museu: a construção social do caráter educativo dos museus de ciências*. Acess. 233 p.
- Índio do Brasil, C. (2018). Museu Nacional reabre sala dos dinossauros no Rio. Agência Brasil. Available at <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-07/museu-nacional-reabre-sala-dos-dinossauros-no-rio>.
- International Council of Museums, 2007. Museum Definition. Available at <http://icom.museum/the-vision/museum-definition/>.
- Jürgens, P. 2002. *O Museu Nacional e suas exposições: 1821-2001*.
- Kellner, A.W.A. 2018. 200 anos do Museu Nacional/UFRJ – desafios e perspectivas. *Instituto Brasileiro de Museus-Ibram*, 40.
- Kellner, A.W.A. 2005. Museus e a Divulgação Científica no Campo da Paleontologia. *Anuário do Instituto de Geociências*, 28:116-130.
- Kellner, A.W.A. 2008. “Exemplos de exposições de geologia e paleontologia e a divulgação da ciência”. In: L. Massarani (ed.). *Ciência & Criança: a divulgação científica para o público infanto-juvenil*, p. 71-75.
- Kellner, A.W.A. 2015. Apresentação: para onde caminha a paleontologia brasileira? *Ciência e Cultura*, 67:20-24.
- Keuller, A.T.A.M. 2008. *Os Estudos Físicos de Antropologia no Museu Nacional do Rio de Janeiro: Cientistas, objetos, idéias e instrumentos (1876-1939)*. Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, PhD thesis.
- Kunzler, J. 2018. *O Fóssil no Museu: Análise da Legitimação do Patrimônio nas Exposições Museológicas*. Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio. MAST/UNIRIO, PhD thesis, 318 p.
- Lacerda, J.B. 1905. *Fastos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*. Imprensa Nacional.
- Leal, L.A.; Azevedo, S.A.K.; Kellner, A.W.A. & Rosa, A.A.S. 2004. A new early dinosaur (Sauropodomorpha) from the Caturruta Formation (Late Triassic), Paran Basin, Brazil. *Zootaxa*, 690:1.
- Macedo, A.C.M., Fernandes, A.C.S., & Azevedo, S.A.K. 1991. “O Museu Nacional e os dinossauros”. *Correio Filatélico*, 15:26–28.
- Magalhães, R. 2018. Museu Nacional reinaugura espaço dedicado aos dinossauros. *Revista eletrônica Veja Rio*. Available at <https://vejario.abril.com.br/cultura-lazer/museu-nacional-reinaugura-espaco-dedicado-aos-dinossauros/>.
- Manzig, P. 2015. *Museus de Paleontologia no Brasil e a Paleontologia nos Museus Brasileiros*. Instituto de Estudos da Linguagem e Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, UNICAMP, M.Sc. thesis, 197 p.
- Marandino, M. 2001. Interfaces na Relação Museu-Escola. *Caderno Catarinense de Ensino de Física. Florianópolis*, 8:85-100.
- Martino, R.C. 2000. *O Museu do Ipiranga, a nova imagem de uma instituição centenária*. Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da UNESP, M.Sc. thesis, 166 p.
- Matos, I. 2009. Museu Nacional apresenta descobertas sobre pterossauros. *Olhar Virtua*, revista UFRJ. Available at <https://ufrj.br/noticia/2015/10/22/museu-nacional-apresenta-descobertas-sobre-pteurossauros>.
- Museu Nacional. 2003. Seção de Museologia. *Novos Fastos: O Museu Nacional ao Longo da História. Reunião Interministerial de instituição do Programa de Revitalização do Museu Nacional*. Rio de Janeiro.
- Museu Nacional. 2008. Os Diretores do Museu Nacional/UFRJ (Organizado pela Seção de Museologia). Available at https://www.museunacional.ufrj.br/site/assets/pdf/memoria_1.pdf.
- Museu Nacional. 2011. Seção de Museologia. O Museu. Rio de Janeiro. Available at <http://www.museunacional.ufrj.br/MuseuNacional/Principal/omuseum.html>.
- Museu Nacional. 2019. Departamento de Geologia e Paleontologia. *Exposições Atuais*. Rio de Janeiro. Available at http://www.museunacional.ufrj.br/dgp/extensao_exposicoes.html.
- O Globo. 2016. Maior repatriação de fósseis do país revela história das espécies marinhas. Available at <https://oglobo.globo.com/sociedade/ciencia/maior-repatriacao-de-fosseis-do-pais-revela-historia-das-especies-marinhas-19141642>.
- Pires, D.O. (ed.). 2017. *200 anos do Museu Nacional*, 1ª ed. Rio de Janeiro: Associação Amigos do Museu Nacional, 40 p.
- Ponciano, L.C.; Kellner, A.W.A. & Ferreira, J.C. 2008. As exposições de Paleontologia e o início da Palearte no Museu Nacional/RJ. In: III CONGRESSO LATINOAMERICANO DE PALEONTOLOGIA DE VERTEBRADOS. *Anais. Argentina*.
- Rabello de Castro, F.S. 2019. Desafios da educação museal: Seminário Regional da Unesco sobre a Função Educativa dos Museus sessenta anos depois. In: M. Chagas & M.V. Macri (eds). *A função educacional dos museus: 60 anos do Seminário Regional da Unesco*. Museu da República, p. 117-128.
- Rangel, A. 2019. Função educativa dos museus no Brasil (1948-1968). In: M. Chagas & M.V. Macri (eds). *A função educacional dos museus: 60 anos do Seminário Regional da Unesco*. Museu da República.
- Valente, M.E. 2003. A conquista do Caráter Público do Museu. In: G. Gouvêa et al. (eds). *Educação e Museu: A Construção Social do Caráter Educativo dos Museus de Ciência*. Acess, p. 21-45.
- Van Praët, M. 2003. A Educação no Museu, Divulgar “Saberes Verdadeiros” com “Coisas Falsas”. In: G. Gouvêa; M. Marandino & M.C. Leal (eds.) *Educação e Museu: a construção social do caráter educativo dos museus de ciências*, 47-62 p.
- Veja Rio. 2018. Museu Nacional coleta doações para restauração de peça do acervo. Rio de Janeiro. Available at <https://vejario.abril.com.br/cidades/museu-nacional-coleta-doacoes-para-restauracao-de-peca-do-acervo/>.
- Veloso, R.L. 2021. *A História do Patrimônio Paleontológico de Vertebrados do Museu Nacional Durante o seu Primeiro Século*. Rio de Janeiro, 162 p.
- Vieira, V.; Bianconi, M.L. & Dias, M. 2005. Espaços não-formais de ensino e o currículo de ciências. *Ciência e Cultura*, 57:21-23.